

FACULDADE SETE LAGOAS – FACSETE

CAMILA SALVADOR BENÍCIO
DAYANE FERNANDES VIEIRA

**OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO E O MANEJO DA DOR DOS
AUSENTES À LUZ DE VIKTOR FRANKL**

SETE LAGOAS/MG
2023

CAMILA SALVADOR BENÍCIO
DAYANE FERNANDES VIEIRA

**OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO E O MANEJO DA DOR DOS
AUSENTES À LUZ DE VIKTOR FRANKL**

Projeto de pesquisa apresentado como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Sete Lagoas – FACSETE.

Orientadora: Prof. Daniela de Castro Pinto

Coorientadora: Prof. Deborah Meireles Costa
Guimarães

SETE LAGOAS/MG
2023

Camila Salvador Benício
Dayane Fernandes Vieira

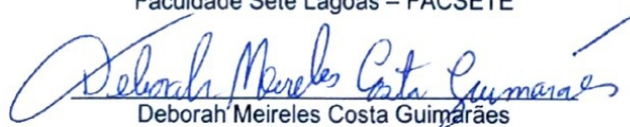
**OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO E O MANEJO DA DOR DOS AUSENTES À LUZ DE VIKTOR
FRANKL**

A banca examinadora abaixo-assinada aprova o presente trabalho de conclusão de curso como parte dos requisitos para conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Sete Lagoas – FACSETE.

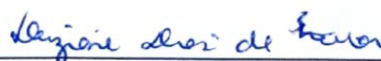
Aprovado em 27 de novembro de 2023.



Daniela de Castro Pinto
Orientadora
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE



Deborah Meireles Costa Guimarães
Coorientadora
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE



Deiziane Dias de Freitas
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE

Sete Lagoas, 27 de novembro de 2023.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática de literatura relacionada à temática do enlutamento por suicídio, elucidando o termo que os designa como *sobreviventes*, além dos aspectos que configuram a dor por este tipo de perda, o luto complicado associado ao suicídio, para então relacionar esta experiência de vida aos fundamentos da Logoterapia e a busca de sentido da vida, trazido por esta abordagem, como maneira de traçar o manejo clínico da atuação psicológica ante estes *sobreviventes*. A partir da análise dos dados, pode-se observar os estigmas sociais que compõem este enlutamento, provocando isolamento e prolongamento do luto, reforçando-os e infringindo maior tristeza a estas ausências silenciosas. Desta maneira, possibilitou-se entalhar as configurações próprias dos *sobreviventes do suicídio* à luz dos princípios da Logoterapia, explicitando os conceitos envolvidos na busca de sentido após a perda.

Palavras-chave: sobreviventes do suicídio, luto complicado, logoterapia.

SUMMARY

The present work aims to carry out a systematic review of the literature related to the theme of grief by suicide, elucidating the term that designates them as survivors, in addition to the aspects that configure the pain for this type of loss, the complicated grief associated with suicide, to then relate this life experience to the foundations of Logotherapy and the search for meaning in life. brought by this approach, as a way of outlining the clinical management of the psychological performance in relation to these survivors. From the analysis of the data, it is possible to observe the social stigmas that make up this mourning, causing isolation and prolongation of mourning, reinforcing them and inflicting greater sadness on these silent absences. In this way, it was possible to carve the configurations of suicide survivors in the light of the principles of Logotherapy, explaining the concepts involved in the search for meaning after the loss.

Keywords: suicide survivors, complicated grief, logotherapy.

Em última instância, cada pessoa é insubstituível; se não por outros, o é por quem o ama.

(Viktor Frankl)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO	9
2.2 VIKTOR EMIL FRANKL E A LOGOTERAPIA	10
2.3 O LUTO	15
2.4 O ESTIGMA	18
2.5 A PERDA	19
3. OBJETIVOS	20
3.1. OBJETIVO GERAL	20
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
4. METODOLOGIA	20
4.1 ESCOLHA DA FONTE DE DADOS E TIPOS DE PUBLICAÇÕES	20
4.2 ELEIÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVES PARA BUSCA DE PUBLICAÇÕES	21
4.3 BUSCA E ARMAZENAMENTO DOS RESULTADOS	21
4.4 SELEÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	21
4.5 EXTRAÇÃO DOS DADOS DAS PUBLICAÇÕES	21
4.6 SÍNTESE, INTERPRETAÇÃO DE DADOS E ESCRITA DA REVISÃO DE LITERATURA	22
5. RESULTADOS	22
6. DISCUSSÃO	24
6.1 OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO E O LUTO DO HOMO AMANS	24
6.2 O DESENVOLVIMENTO DO HOMO PATIENS	25
6.3 O NOVO SENTIDO	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é uma manifestação multifatorial do sofrimento psíquico, considerado pelo sujeito como uma saída para uma dor irreduzível e insolucionável. Acredita-se que para este fenômeno não há homogeneização das razões que levam o indivíduo ao ato e tampouco distinção de classe, idade, dentre outros, tornando todos vulneráveis (BRASIL, 2022). Os motivos pelos quais o ser humano atinge o ponto limite da dor, são imensuráveis e indescritíveis, e os efeitos destes sintomas podem, tanto interromper a experiência humana do sujeito, como afetar diretamente àqueles que o cercam.

Entre 2010 e 2019, de acordo com um boletim epidemiológico emitido pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), ocorreram no Brasil 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019. A análise das taxas de mortalidade ajustadas no período demonstrou aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil (BRASIL, 2021).

Em relação ao fenômeno da morte por suicídio, existe o estigma social da pessoa enquanto um *desistente* (KREUZ, ANTONIASSI, 2020). Este estigma social, que rotula a pessoa como um *desistente*, acaba por interromper o processo natural do enlutamento dos que ficam. Rótulo este muitas vezes cruamente exposto à título de curiosidade pela mídia, afetando a visão àquele que partiu e gerando mais sofrimento aos que ficam. Há ainda, a possibilidade, nesta modalidade de morte, de um luto complicado e prolongado, causando prejuízos emocionais e funcionais àqueles que ficam (KREUZ, ANTONIASSI, 2020).

A urgência, então, de atenção requerida àqueles que ficam após um evento impactante como a perda de algum ente querido por suicídio fica ainda mais evidente nestes enlutados. Considerando a singularidade deste tipo de morte, a falta de justificativa e a imprevisibilidade que muitas vezes o permeia, gera impactos profundos naqueles que ficam, considerando-se também, a violência do inesperado (COOK et al, 2015; DANTAS, 2019).

Diferentes termos são empregados para descrever àqueles afetados pela perda por suicídio. No Brasil é comum utilizar-se dos termos: *familiares sobreviventes* ou

sobreviventes do suicídio, considerando-se a necessidade da busca de significado e ressignificado diante de um luto complicado e estigmatizado (AMORIM, 2022). Torna-se importante salientar que a abrangência destes sobreviventes não se limita apenas a familiares, mas, também, a todos aqueles que se sentiram diretamente afetados frente à perda, sejam eles amigos, colegas de trabalho ou de diferentes vínculos (KREUZ, ANTONIASSI, 2020; DANTAS, BREDEMEIER, 2022).

Um número comumente citado para o número de sobreviventes de perdas foi oferecido por Shneidman (1999) quando ele sugeriu que, para cada suicídio, havia pelo menos seis sobreviventes de perdas (SHNEIDMAN, LEENAARS, 1999). Infelizmente, esse número assumiu o status de fato empiricamente estabelecido, o que não é. A realidade é que o número de sobreviventes de perdas por suicídio não foi estabelecido pelo desafio de coletar esses dados. Torna-se complicado pela falta de uma definição clara de quem é um sobrevivente de perda por suicídio. Assim, o campo fica limitado a estimativas (COOK et al, 2015).

As diferenças são notáveis no luto por suicídio: fica a necessidade do silêncio, causado pelo estigma social, pelo preconceito e pela codificação do bizarro (uma morte não natural), transformando um momento de sofrimento em um fenômeno a ser escondido e negligenciado. Para Kreuz e Antoniassi (2020) é destacada a incongruência dos fatos em vias da necessidade evidente de cuidado e da negligência com que esta é tratada a situação, considerando que os enlutados por suicídio dificilmente recebem o apoio necessário (PITMAN, et al, 2018).

A rotulação e estigmatização criam impactos mesmo nos ritos simbólicos de despedida como funerais, visto que a coexistência da relação do suicídio com o pecado, trazido por diversas religiões, impede o fluxo natural dos rituais de passagem. Kreuz e Antoniassi (2020) ainda, referem uma relação entre os aspectos físicos do corpo, de acordo com o método utilizado para esta morte, que pode causar desfiguração ou mutilação, impactando, novamente, nas cerimônias fúnebres de despedida à aqueles que ficam.

Uma abordagem psicoterapêutica, para estes casos, acredita-se não ser somente recomendada, como também, necessária, visto os impactos psicológicos neste tipo de morte e luto. Dentre as várias abordagens, Viktor Emil Frankl, neuropsiquiatra austríaco e fundador da Logoterapia, em sua teoria enfatiza a importância do *sentido* da existência humana para cada pessoa. Sua teoria fundamenta-se em três pilares inerentes ao ser humano, sendo eles: a liberdade de

vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida (FRANKL, 2021). Para ele a força da presença ou ausência de tais fenômenos, conduziria ações e pensamentos nos âmbitos biológico, psicológico, sociológico e noológico de cada pessoa. Pilares estes, componentes da ontologia dimensional do ser, que permite a pessoa ser e estar no mundo (SOUZA, GOMES, 2012).

Frankl (2022) discorre quanto aos motivos essenciais que poderiam predispor o sujeito ao autoextermínio, sendo eles: condições físicas (genética); desejo de vingança ou de afetar o outro; cansaço diante da vida e o que cunhou de suicídio de balanço, aquele que realiza o balanço da vida e o fecha negativamente, diante da ausência de sentido para esta. Contudo, independente das condições que motivam o suicídio, sejam elas alavancadas ou não pelo desejo de vingança; o ato de vingar-se esta feito, este analisado aqui cruamente como uma revida a vida, ao afeto revoltado a esta e do ato em si (FRANKL, 2022). O suicídio provoca ausências aos que ficam que nunca voltam a ser preenchidas ou apagadas, afetando diretamente nas bases da motivação, orientação e sentido da experiência daqueles que sofrem com as ausências deixadas.

Portanto, com base no exposto, observa-se a dor da perda dos *sobreviventes do suicídio*, incendiada pela negligência com que são tratados os enlutados, sendo este acolhimento falho ou ausente baseado em fatores culturais, religiosos e de senso comum (PITMAN, et al, 2018). Experiência que torna-se fonte de um processo de luto muitas vezes prolongado e/ou complicado, assim como, suscita a necessidade da atenção psicológica, sistemática e contínua, nestes casos, em específico. Dessa maneira, relacionando a temática da morte por suicídio à abordagem psicológica da Logoterapia, que explora o sentido da vida e a importância que este exerce em meio ao sofrimento, busca-se discutir a relação entre manejo da dor do enlutamento.

Diante disso, este projeto propõe uma revisão sistemática da literatura acadêmica, na busca de avaliar a prática da teoria de Viktor Frankl, em relação aos enlutados por suicídio, com a finalidade de compreender e socializar este sofrimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO

Em termos conceituais, a expressão em inglês *survivor*, criada por Edwin Shneidman (1985), abrange aqueles indivíduos que vivenciam a perda de alguém próximo, devido ao suicídio, e são impactados negativamente por essa experiência. No contexto brasileiro, tem sido adotada a tradução direta *sobrevivente* ou *sobrevivente enlutado*, especialmente para diferenciá-los das pessoas que sobreviveram a uma tentativa de autoextermínio (ANDRIESSEN, 2022).

Além disso, é importante destacar que existe uma diferenciação entre ser considerado um *sobrevivente do suicídio* e ter sido *exposto ao suicídio*. Segundo Andriessen (2022), o primeiro termo se relaciona com aqueles que estavam pessoal ou intimamente ligados ao falecido, como amigos e familiares, enquanto o segundo, se aplica a pessoa que não tinham uma conexão pessoal com o falecido, mas que de alguma forma, foi impactada negativamente pelo ato do suicídio, como nos casos de suicídio amplamente divulgados na mídia ou testemunhados por bombeiros, policiais e pedestres no local.

A literatura científica adota estes termos por se tratar de uma morte violenta e repentina em que, frequentemente, estão presentes sentimentos de culpa e autoacusação, demandando grande energia psíquica para elaboração do luto. Os sentimentos que surgem em decorrência dessa situação traumática são diversos e variam em intensidade. Contudo, não é apenas o acontecimento em si que causa o trauma, mas todo o processo e a intensidade das emoções envolvidas. Nesta perspectiva, compartilhar a vivência de ser um *familiar sobrevivente do suicídio* e o significado da vida para esses familiares pode redimensionar as consequências da morte abrupta e proibida, transformando vergonha em permissão, culpa em compaixão, saudade em proximidade, dor em amor e o sofrimento em altruísmo (LAVALL et al, 2022).

É comum que os *sobreviventes do suicídio* evitem discutir de forma íntima o fato em questão, porque, muitas vezes, familiares e pessoas próximas preferem o silêncio, tornando a experiência do suicídio um sofrimento mantido em segredo. Ouvir as experiências de vida e de perda de um ente querido por suicídio, seja individualmente ou em grupo, é uma estratégia essencial para o processo de luto após o suicídio (LAVALL et al, 2022). Desta forma, o pesar e o sofrimento encontram espaços para serem expressos e validados, permitindo que aqueles que

estão enlutados, encontrem um lugar onde possam compartilhar e sentir que pertencem a esse contexto.

2.2 VIKTOR EMIL FRANKL E A LOGOTERAPIA

Em contrapartida às linhas teóricas da Psicologia Individual de Alfred Adler (1910) e a Psicanálise de Sigmund Freud (1919), surge uma terceira vertente, voltada para o fenômeno do sentido da vida diante da experiência humana, cujo autor, Viktor Emil Frankl (1905 - 1997) dissemina seus ideais baseados na perseverança, graça e sofrimento; compartilhados por cada sujeito.

Diferente dos demais teóricos, Frankl (1952) aborda a importância do sentido da vida e os impactos que a falta deste podem causar subjetivamente, além de trazer a concepção do noético ou espiritual, que precede a vida. O ser humano que busca com obstinação e afincado sentido diante das facetas da vida, sejam elas positivas ou de contratempos e sofrimentos. Frankl (1952), também, trás a configuração da importância do direcionamento ao outro, que nos diferencia como seres, na busca do algo ou de alguém (MOREIRA, HOLANDA, 2010; CORRÊA, 2012). Para o autor, o ser humano tem um chamado, enfim,

Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida, cada um precisa executar uma tarefa concreta que está exigindo realização, nisso a pessoa não pode ser substituída nem pode sua vida ser repetida, assim a tarefa de cada um é tão singular como sua oportunidade específica de levar a cabo. (FRANKL, 1991, p. 133)

Partindo desse pressuposto, a Logoterapia ou terapia das alturas, conforme descrita pelo próprio fundador, é caracterizada por ser uma abordagem componente das vias existencial - humanista - fenomenológica. Ela trás uma tríade de valores que associa a experiência da busca e o encontro pelo sentido da vida, conotando significado à elas, sendo: *valores vivenciais*, representados pelo encontro com outro ser e com a criação em si; *valores criativos*, onde ofertamos as produções do eu através do trabalho e das ações e os *valores atitudinais*, onde provamos a perseverança da vida em meio a inevitabilidade do sofrer (MOREIRA, HOLANDA, 2010; LEONCIO, 2021).

Ao vivenciar os valores atitudinais, segundo a teoria de Frankl (1991), desenvolvemos o *homo patiens*, que se associa ao sujeito frente ao sofrimento, a culpa e a morte, esta última irremediável. A busca pelo sentido da vida ou a

ressignificação dos sentidos perdidos, forja o ser *homo patiens*, aquele que traduz com o tempo o significado dos fenômenos que geram a perda, o fracasso e a culpa, além do luto simbólico ou real (MOREIRA, HOLANDA, 2010).

Segundo Frankl (CORRÊA, 2012) o luto por alguém que amamos e perdemos, fá-lo de algum modo sobreviver, referenciando a importância da experiência do luto e a experimentação do processo que muitas vezes se assemelha a um pêndulo emocional. O pêndulo com tempo indeterminado e com maneiras variadas de sentir, corroborando a máxima logoterápica que ressalta a unicidade e irrepetibilidade do homem.

A capacidade de suportar do ser humano é colocada à prova diante dos obstáculos da vida, inevitáveis e por vezes imutáveis, formando a necessidade de uma nova configuração para o sentimento amoroso, como na morte, onde a personificação corpórea já não existe mais, mas o sentimento perdura diante da memória do amado, somado às dores da perda e da separação. Desta forma ressaltado por Frankl (CORRÊA, 2012) o amor pode sobreviver à morte do amado; é esta a única maneira de entender que o amor é mais forte do que a morte, isto é, do que o aniquilamento do ser amado na sua existência.

De acordo com a teoria de Frankl (1991), a labilidade da nova vida após a perda, com seus altos e baixos é portanto uma forma de remontar as formas de sentir e de lembrar. Desta forma, conotando um novo significado à vida, da morte do objeto de amor e à aquele que ama, independente das circunstâncias cruciais da existência.

Incontestavelmente, a morte é o maior desafio que o ser humano enfrenta. Não é tanto a morte em si, mas o simples entendimento de que sua existência se encerrará de maneira irremediável e inevitável (MOREIRA et al., 2010). A *triade trágica* - sofrimento, culpa e morte, na visão de Frankl (1991), representa a expressão da característica antropológica da análise existencial na Logoterapia, ou seja, a finitude do ser humano. A resposta sobre o sentido do trágico é encontrada na atitude mesma que elegemos ante uma situação que se nos apresenta tragicamente. Só o ser humano tem o privilégio de eleger uma atitude frente ao sofrimento que se apresenta como tal. (XAUSA, 2003).

Somente diante das decisões que são exclusivamente sua a responsabilidade recai sobre a pessoa. O ser humano verdadeiramente se revela quando deixa de ser dirigido e se encerra quando não mais é responsável (MOREIRA et al., 2010). A responsabilidade implica tanto aquilo que aceitamos de livre vontade quanto o que

evitamos. *“Cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder a vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável”*(FRANKL, 1991, p. 133). Quando exploramos a essência da responsabilidade humana, somos confrontados com a dualidade que nos provoca um misto de temor e admiração: é algo ao mesmo tempo assustador e grandioso. E o objetivo primordial da intervenção logoterapêutica não é outro, senão, o apelo à consciência da responsabilidade.

É comum a crença de que o sofrimento tem o poder de purificar o ser humano. Afinal, a maneira como a pessoa que está sofrendo responde ao porquê do sofrimento é sempre uma resposta que transcende as palavras, mas, reiterando, é, sob a perspectiva da fé em um sentido superior, a única resposta verdadeiramente significativa (MOREIRA et al., 2010). Além disso, tão importante quanto o sofrimento em si é o seu aspecto colaborativo e compassivo. Para Frankl (1991), o ser humano possui habilidades de encarar situações desafiadoras, superá-las e emergir fortalecido dessas experiências, que ele chama de resiliência.

A resiliência pode ser definida como uma capacidade de adaptação positiva diante de adversidades, incluindo a superação delas. Não se limita apenas a suportar circunstâncias difíceis, mas envolve o compromisso com uma nova dinâmica de vida. Na Logoterapia, o conceito de resiliência desempenha o papel de proteger a saúde mental e transformar comportamentos negativos em novas oportunidades. A resiliência capacita o indivíduo a encontrar razões que promovem a descoberta de valores que existem para além das dificuldades e do aspecto psicológico (SULZBACH apud MOREIRA et al., 2010).

A abordagem de Frankl (1991), na Logoterapia, para resiliência, aponta que, por meio da atitude de busca de significado na vida, ela pode ser cultivada, reconhecendo, assim, a capacidade de resistir diante da adversidade. É a partir do significado que uma pessoa afetada pelos desafios da vida encontra a motivação para se reconstruir, mantendo a esperança e procurando os recursos que alimentam a resiliência. Destaca-se a noção de alteridade no contexto da resiliência (MOREIRA et al., 2010).

Esse significado na vida ou no sentido da vida, refere-se a atribuição à vida humana. Esse sentido é singular e variável; difere de pessoa para pessoa, muda de situação e pode se transformar de dia para dia ou até de hora para hora. Em outras palavras, cada indivíduo possui sua própria missão, um significado específico,

singular e irrepitível (FRANKL, 2003). Dessa forma, não existe um sentido universal da vida; apenas os significados únicos das situações individuais prevalecem (SANTOS 2016).

Além disso, o sentido é algo tangível e objetivo, algo que o indivíduo pode concretizar. Não se trata de algo abstrato; pelo contrário, é um sentido completamente real, o significado concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se depara. *“O sentido da vida destoa de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra, o que importa, por conseguinte não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento”*. (FRANKL, 1991,p. 133).

O ser humano mantém sempre a liberdade de escolher sua atitude diante dos condicionamentos e circunstâncias que a vida lhe impõe. É o propósito de vida que impulsiona o ser humano, auxiliando-o a transcender seus limites, a liberdade da vontade. A liberdade é uma característica humana, e embora o ser humano não esteja isento de influências biopsicossociais, isso não implica que esteja completamente determinado por elas. Ele mantém a liberdade de escolher sua postura em relação a tais condicionamentos (FRANKL, 2005). Estamos falando, sobre a liberdade de escolher como reagir diante do destino, ou seja, tudo o que não pode ser alterado e está além do controle do indivíduo, como, por exemplo, uma doença, a genética, a ansiedade, ter tido uma infância infeliz, enfim, diversas situações limite (DOURADO et al., 2010).

Definir liberdade de escolha nos remete a questão do fenômeno da vontade diante da escolha. Para que alguém busque o significado da vida, é essencial a vontade de encontrar este sentido. A busca constante do ser humano por sentido em sua vida é expressa pela vontade de sentido, sendo um interesse fundamental a principal manifestação da autotranscendência; autotranscender requer a vontade por significados da existência humana (PEREIRA, 2007).

Dado que, o homem transcende a mera compreensão biopsicossocial, é essencial compreendê-lo, então, em sua totalidade (FRANKL, 2012). Além disso, acrescenta-se a presença de uma dimensão adicional, denominada noética, originada do termo grego para *espírito*. Nessa esfera espiritual, ocorre a definição de posição diante das condições corporais, da existência psíquica, das escolhas pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, criatividade, senso ético e

compreensão de valor (GUEDES, GAUDÊNCIO, 2012). É nesse ponto que se encontra a liberdade, a responsabilidade e a busca pelo sentido da vida.

Relevante ressaltar que a visão de Frankl (1991) sobre o ser humano enfatiza duas características antropológicas: autotranscendência e autodistanciamento. A primeira característica aborda a ideia de que os seres humanos naturalmente buscam algo ou alguém além de si mesmos, seja para realizar um propósito ou encontrar outro ser humano (FRANKL, 2008). Em outras palavras, isso sugere que o ser é compelido a se dirigir a algo ou alguém além de si mesmo. Sua essência existencial não reside nele mesmo, e muito menos se limita aos seus condicionamentos biopsicossociais; ao contrário, transcende, está fora dele, abrindo-se para o mundo. Quanto mais uma pessoa se esquece de si mesma, dedicando-se a uma causa ou a alguém, mais humana ela se torna. Ela não se aprisiona em condicionamentos, mas os ultrapassa (FRANKL, 2008, 2011; SILVEIRA, MAHFOUD, 2008).

Por outro lado, o autodistanciamento é compreendido como a habilidade exclusivamente humana de se distanciar de si mesmo. É possível tomar decisões em relação a si mesmo, mesmo na presença de condicionamentos. Assim, existe a potencialidade interna de resistir, corajosamente, às situações mais adversas, como ocorreu com Frankl (1991) e muitos outros em campos de concentração. Nesse contexto, o autodistanciamento está vinculado ao heroísmo, assim como, pode se manifestar através do humor ou, mais especificamente, da capacidade de rir apesar do sofrimento (FRANKL, 2011).

Dessa forma, o autodistanciamento está diretamente ligado à autocompreensão, pois, quanto mais a pessoa se compreende, mais capaz é de se distanciar de si mesma (FRANKL, 2011). Assim, por exemplo, mesmo diante de impulsos de agressividade em sua dimensão psicofísica, a pessoa pode pensar, escolher e então agir por meio de sua dimensão noética, para além do que pode tocar no momento, transcendente (SILVEIRA, MAHFOUD, 2008).

Enfim, não existe um único ser humano que possa afirmar nunca ter sofrido, nunca ter falhado ou que não enfrentará a morte (FRANKL, 2011), destaca-se, dessa maneira, a habilidade humana de converter elementos negativos da vida em algo positivo e significativo (FRANKL, 2003). Ele não reside em negar o sofrimento, mas em reconhecê-lo e elevá-lo para além, transformando-o em uma conquista. Isso testemunha o potencial exclusivamente humano, que, em sua expressão mais

elevada, tem o poder de converter uma tragédia em um triunfo pessoal, transformando uma situação difícil em um sucesso humano (SANTOS, 2016).

Os valores atitudinais conferem ao ser humano um sentido supremo, uma vez que sucesso ou fracasso deixam de ter significado, restando, apenas, dois pólos que oscilam entre realização existencial e desespero. Dessa forma, é possível sentir-se pleno mesmo diante do insucesso. Isso não implica, de modo algum, que a pessoa deva sofrer desnecessariamente em busca de sentido, o que seria uma forma de autoflagelo ou masoquismo; apenas, destaca a possibilidade de encontrar significado mesmo diante de um destino inalterável (FRANKL, 2005, 2012).

2.3 O LUTO

O processo do luto pode surgir quando a pessoa está atravessando o fim de um relacionamento, a perda de um ente querido, de um emprego, de um sonho, a descoberta de alguma doença ou a morte de alguém próximo. Não há um prazo específico para o fim do processo do luto, e é essencial respeitar o tempo que cada um leva para processar e lidar com a perda. Algumas pessoas podem começar a se sentir melhor em semanas ou meses, enquanto outras podem levar anos para encontrar a aceitação e a paz necessárias para seguir em frente. Segundo a psiquiatra Kübler-Ross (1969) cinco são os estágios do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Para esta pesquisa, focaremos no luto dos sobreviventes do suicídio.

Um dos processos de luto, como citado anteriormente, surge de forma natural quando alguém com quem tínhamos alguma relação falece, e a maioria das pessoas enfrentará essa experiência em algum momento de suas vidas. No entanto, trata-se de um fenômeno desafiador, estressante e doloroso de vivenciar. Nesse período, uma gama de emoções e reações distintas emergem, tais como desespero, falta de esperança, medo, profunda tristeza, ira, revolta e outros sentimentos (FUKUMITSU, 2019). Em determinados casos, essa situação pode até progredir de maneira ainda mais desfavorável, tendo impactos negativos na saúde mental e física, bem como na dinâmica sociofamiliar dos enlutados (DANTAS et al., 2022).

Indivíduos que sofrem com o luto decorrente de um suicídio podem vivenciar um choque ou trauma ainda mais profundo do que em outras situações de morte, devido à natureza imprevisível, abrupta e sem razões evidentes do ato suicida

(FUKUMITSU, 2019). Adicionalmente, alguns dos sobreviventes podem ser aqueles que deparam com o corpo, após o falecimento, enfrentando a difícil tarefa de lidar com a cena e as memórias que ecoam a partir dela.

É essencial destacar que, após um suicídio, de forma imediata, nos deparamos com perguntas sem respostas e conjecturas sobre a vida daquele que faleceu dessa maneira. Ao mesmo tempo, os *sobreviventes* possuem histórias de vida que precisam continuar, ou seja, devem seguir adiante com o processo de luto e além dele. Além disso, durante esse caminho de sobrevivência, uma série de emoções surge com frequência: sentimento de acusação, culpa, raiva, revolta, vergonha e medo. Em resumo, uma ampla gama de questões envolve a vida daqueles que estão enlutados e podem ter efeitos negativos em sua saúde mental e física (FUKUMITSU, 2019).

Também é perceptível, que o luto decorrente de um suicídio leva o *sobrevivente enlutado* a uma busca constante pelo significado por trás desse ato extremo e pelo valor da própria vida. Além disso, enfrenta-se um desafiante processo de tentar entender como não se foi capaz de perceber ou valorizar a possibilidade de suicídio por parte da pessoa querida, a ponto de intervir a tempo (DUARTE, TASSINARI, 2019).

Frankl (2019), em um de seus textos, reflete sobre a postura importante diante de uma pessoa que, aparentemente, tomou a decisão de não mais viver. Ele acreditava na força de levar a pessoa a compreender que nenhum problema se resolve pela escolha do suicídio,

O que temos que fazer com alguém que esteja decidido suicidar-se, é sobre tudo mostrar repetidamente que um suicídio não pode resolver problema algum: temos que fazer ver que se assemelha a um jogador de xadrez que colocado perante um problema que lhe parece extremamente difícil, joga fora as peças de jogo sem com isso resolver qualquer problema de xadrez, com a vida sucede também assim: nenhum problema se resolve deitando fora a vida. (FRANKL, 2019, p. 89-90).

Mas, muitas vezes, os entes queridos não tiveram esse tempo ou não entenderam o risco que a pessoa, ao seu lado, estava correndo. Esta dor, para Duarte e Tassinari (2019), é uma questão que permeia as relações dos *sobreviventes do suicídio* e faz parte do processo do luto de cada família. Apesar dos avanços nas teorias e estudos sobre o comportamento suicida em escala global, compreender definitivamente por que indivíduos optam por tirar suas próprias vidas permanece uma tarefa complexa. Muitas vezes, nem mesmo a pessoa que comete o ato compreende plenamente os motivos intrincados por trás da autodestruição.

Nesse cenário de incertezas, que podem agravar o estigma em torno do suicídio, os *sobreviventes do suicídio* podem hesitar em revelar que a morte foi resultado de um ato autoinfligido, o que pode intensificar o isolamento, não apenas da comunidade, mas também de familiares que poderiam oferecer apoio e suporte (DANTAS et al., 2022).

É válido ressaltar, adicionalmente, que a forma como as pessoas lidam com a morte por suicídio é influenciada por uma combinação de fatores individuais e coletivos. Essa reação é moldada pela subjetividade única de cada indivíduo, incluindo sua personalidade, percepção do mundo e resiliência psicológica. Além disso, as interações sociais e os ajustes realizados pela pessoa conforme sua interação com a sociedade, cultura e ambiente, também desempenham um papel importante. Elementos como religião, comunidade, apoio familiar e acesso a serviços de saúde têm impacto nesse processo (FUKUMITSU, 2019).

Desde os anos 1980, Shneidman (1985) defendia que o principal desafio de saúde pública, relacionado ao suicídio, não era apenas a prevenção ou o tratamento clínico das tentativas, mas sim lidar com as consequências adversas que este tipo de morte causa nos *sobreviventes*. Isso ocorre porque essas vidas são irrevogavelmente transformadas, e por diversas razões, as pessoas enfrentam esse dilema sem o suporte adequado que merecem e necessitam.

Contudo, para a maioria das pessoas o processo de luto é uma jornada que gradualmente permite uma adaptação ao mundo e à vida sem a presença da pessoa falecida. Com o passar do tempo e a elaboração do processo de luto, a ausência começa a ser reconhecida, e os *sobreviventes* podem lembrar do falecido sem serem consumidos completamente pela dor ou por emoções que se tornam difíceis de lidar. Eles podem retomar suas atividades cotidianas, reviver sensações reconfortantes e sentimentos de afeto, além de desenvolver habilidades para se enxergar e encarar o mundo de maneira que inclua a perda (KREUZ et al., 2020).

No entanto, para algumas pessoas, esse processo não evolui para a integração desejada e, em vez disso, resulta em desafios funcionais, ocupacionais e cotidianos. Esses indivíduos podem enfrentar dificuldades emocionais mais intensas, condições coexistentes, perturbação depressiva, estresse pós-traumático, declínio na saúde física e até pensamentos suicidas. Essas experiências são definidas como luto complicado (KREUZ et al., 2020).

Dessa forma, é essencial estar atento a certos indicadores que podem sugerir uma complicação no processo de luto. Nesses cenários, contar exclusivamente com um grupo de apoio para os que *sobreviveram*, pode não ser a melhor abordagem. Sinais notáveis, como pensamentos invasivos e persistentes, ansiedade ligada à separação, prolongada falta de crença na realidade, persistência prolongada do luto, gerando disfunções que afetam a rotina do indivíduo e prejudicam suas atividades diárias, devem funcionar como um sinal de alerta para a possibilidade de um luto mais complexo (KREUZ et al., 2020). Em tais circunstâncias, uma das orientações adequadas, seria encaminhar o indivíduo para psicoterapia individual.

2.4 O ESTIGMA

De acordo com o Dicionário Oxford (2018), o significado de estigma é aquilo que é considerado indigno e desonroso. As bases filosóficas que fundamentam esse pensamento contemporâneo, encontram-se na antiguidade, desde os grandes filósofos como Platão e Aristóteles, o primeiro condenando a idéia do suicídio com ressalvas a situações específicas como doenças crônicas e incuráveis; o segundo afirmando a importância da vida do homem e de suas responsabilidades civis diante dela (OLIVEIRA, 2018).

A partir do pensamento estoíco de Sêneca (OLIVEIRA, 2018), a morte autoinfligida tornou-se uma possibilidade menos bizarra, visto que este relaciona à vida como algo melhor do que a morte, mas não necessariamente. Deste ponto em diante, encontra-se a religião, ativamente participativa neste julgamento, condenando o suicídio através do martelo de São Tomaz de Aquino, este que apela ao mandamento de que o homem não matará, no caso, nem a si mesmo, ligando-se assim ao pecado (OLIVEIRA, 2018; PUENTE, 2008).

Desde então, o fenomeno do suicídio não perdeu o peso do julgamento, acarretado por vergonha, culpa e a associação à desistência como algo negativo, como se a vida devesse à qualquer custo ser vivida e tolerada. Os impactos dos rótulos da morte permanecem, profundamente ligados, à experiência do luto dos que ficam, visto que codifica-se um pacto de silêncio dos familiares, somados à uma exposição midiática apática que nutrem o luto complicado e prolongado (SILVA, SOUGEY, SILVA, 2015).

2.5 A PERDA

Partilhamos da ideia de que a partida de alguém querido ou importante é uma das vivências mais angustiantes que um indivíduo pode enfrentar. Em decorrência do evento do falecimento ou da perda, passamos por uma série de reações ou respostas tidas como comuns, normais, previsíveis e ajustáveis, as quais variam de acordo com os padrões de cada comunidade ou cultura (KREUZ et al., 2020).

Dessa forma, o luto emerge como a reação típica à quebra de um laço no qual havia um elo emocional entre a pessoa que está sofrendo e aquela que partiu. Não se trata apenas de uma reação exclusiva diante da perda de uma pessoa, mas sim uma resposta que pode se manifestar diante de qualquer tipo de perda envolvendo algo ou alguém de importância. Esse sentimento de pesar pode surgir diante de uma ampla gama de perdas, incluindo a perda de status, conexões, indivíduos, animais, empregos, lugares e ideais (BOWBLY, 1997; PARKES, 1998 apud KREUZ et al., 2020).

Conseqüentemente, o processo de luto é dinâmico por natureza, configurando-se como uma experiência pessoal repleta de significado, enraizada na cultura e influenciada por múltiplos fatores. Ainda que seja uma resposta universal com raízes culturais, a forma como cada indivíduo vivencia o luto é singular, assim como o vínculo que foi desfeito (FRANCO, 2010).

É importante ressaltar que, mesmo quando enfrentamos a perda de alguém querido através da morte, o que implica em uma quebra concreta e física na relação, devemos também direcionar nossa atenção para a dimensão simbólica dessa separação (FRANCO, 2010). Mas o que exatamente compreendemos por tais rupturas?

Após a perda, a pessoa enlutada passa por transformações muito pessoais e únicas, que afetam aspectos do seu ambiente social, familiar e econômico. Nesse contexto, a realidade assume uma nova configuração de vida, onde aquele que partiu não retornará e aqueles que permanecem experimentam a vida, a rotina, o trabalho, as relações e, em suma, sua própria existência frente a essa ausência definitiva (KREUZ et al., 2020).

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Elucidar quem são os *sobreviventes do suicídio*, assim como, compreender o que os tornam sobreviventes, à luz da Logoterapia de Viktor Frankl.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elucidar quem são os *sobreviventes do suicídio*;
- Compreender os fatores que complicam este tipo de luto, dificultando este processo, os tornando assim sobreviventes;
- Discutir a relação entre manejo da dor e do enlutamento, sob à luz da Logoterapia.

4. METODOLOGIA

A presente metodologia propõe uma revisão de literatura de maneira a elucidar quem são os *sobreviventes do suicídio*, assim como, compreender o que os tornam *sobreviventes*, à luz da abordagem da Logoterapia de Frankl (1991), considerando a subjetividade humana diante da percepção do fenômeno do suicídio (KHAN, 2014).

Como método de pesquisa pretende-se utilizar de uma revisão bibliográfica de literatura, tomando como base o processo de execução proposto por Costa e Zoltowski (2014).

4.1 ESCOLHA DA FONTE DE DADOS E TIPOS DE PUBLICAÇÕES

A utilização da fonte de dados deu-se com base em buscas eletrônicas com correspondência às palavras-chave elencadas em periódicos especializados, sendo utilizadas as bases SciELO, Pepsic, BVS-Psi e PubMed. Assim como, a utilização de livros físicos baseados no assunto e diretivos à abordagem terapêutica escolhida para discussão, no presente caso, a Logoterapia (FRANKL, 1991).

4.2 ELEIÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVES PARA BUSCA DE PUBLICAÇÕES

O critério de determinação das palavras-chave escolhidas foi crivado pela especificação de palavras e termos em destaque, em português (*sobreviventes do suicídio, luto complicado, Logoterapia*) e em inglês (*suicide survivors, prolonged grief disorder, Logotherapy*).

4.3 BUSCA E ARMAZENAMENTO DOS RESULTADOS

Para a presente revisão foram consideradas publicações datadas a partir de 2008, considerando a escassez de publicações sobre a temática. Os artigos encontrados foram revisados e armazenados conforme o método formulado nas bases de dados.

4.4 SELEÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão foram definidos de acordo com a data pré-estabelecida, 2008 em diante, assim como, publicações de revisão de literatura e pesquisas originais. Livros e/ou artigos relacionados à abordagem terapêutica escolhida foram selecionados de acordo com relação da Logoterapia ao manejo do suicídio e/ou sofrimento. Os critérios de exclusão incluíram publicações anteriores à 2008 e publicações sem autorização para divulgação.

4.5 EXTRAÇÃO DOS DADOS DAS PUBLICAÇÕES

A extração de dados das publicações deu-se em base categórica de acordo com os objetivos desta pesquisa, após a leitura e análise dos artigos e livros dentro do critério de inclusão, sendo distribuídas de acordo com as informações chave para o presente trabalho, sendo eles: conceituação dos sobreviventes do suicídio, a importância que os tornam sobreviventes (luto, estigma, perda) e o manejo do sofrimento à luz da Logoterapia de Frankl (1991).

4.6 SÍNTESE, INTERPRETAÇÃO DE DADOS E ESCRITA DA REVISÃO DE LITERATURA

A formulação do presente trabalho de revisão, à partir do agrupamento das publicações relevantes, deu-se por meio de construção dos tópicos: quem são os sobreviventes do suicídio, Logoterapia, luto prolongado, estigma social e a dor da perda.

5. RESULTADOS

A escolha dos artigos levaram em consideração os métodos de busca estabelecidos na presente metodologia (COSTA, ZOLTOWSKI, 2014), para tal a disposição dos artigos utilizados foram dispostos nas **Tabela 1** e **Tabela 2**.

Na **Tabela 1**, enfatizamos os autores e anos, quantidade de autores, afiliação institucional ao qual pertencem, país de origem do estudo e periódico de publicação, a fim de clarificar as referências utilizadas para a fundamentação teórica.

Tabela 1 - Artigos selecionados por categorias:

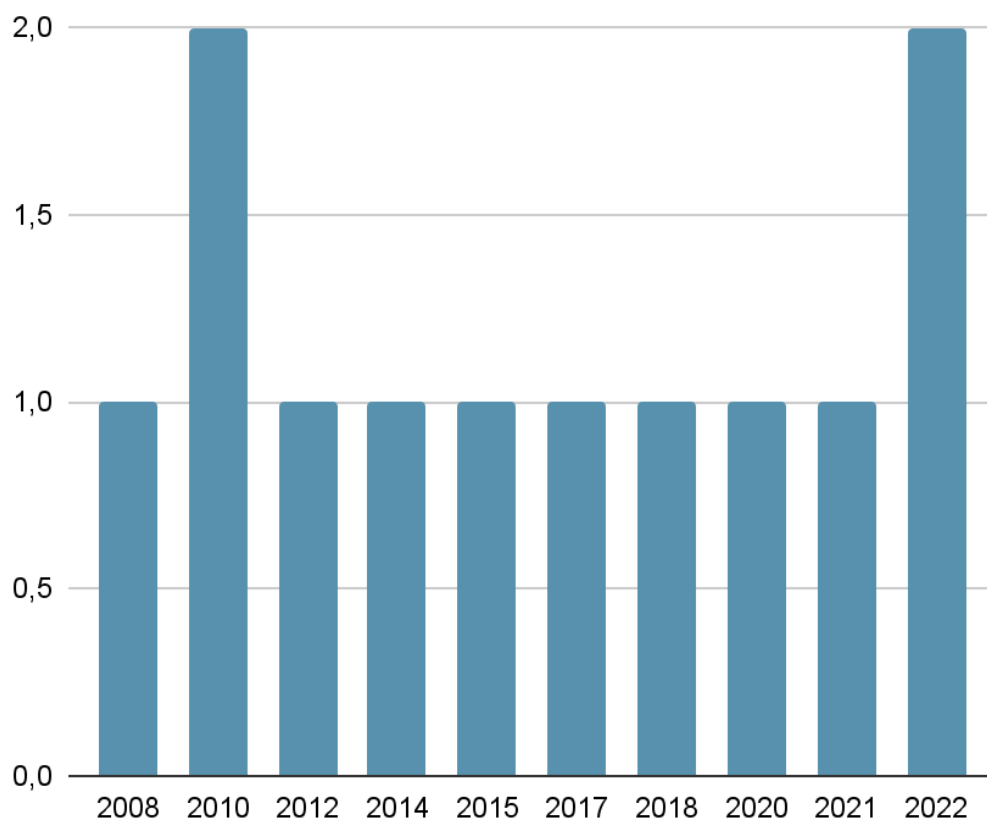
Autores e ano	Quantidade de autores	Afiliação institucional	País de origem do estudo	Periódico de publicação
Corrêa (2012)	1	Universidade Braz Cubas	Brasil	Psicologia: teoria e prática
Dantas, Bredemeier e Amorim (2022)	3	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Brasil	Saúde Sociedade
Kreuz e Antoniassi (2020)	2	Universidade Estadual de Maringá	Brasil	Psicologia em Estudo
Leôncio (2021)	1	Faculdade Mário Quintana	Brasil	Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity
Lavall, Susin, Reif, Santos, Schneider, Boni, Camatta (2022)	7	Universidade do Vale do Taquari/ Pontifícia Universidade	Brasil	Revista Gaúcha de Enfermagem

		Católica do Rio Grande do Sul/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul		
Moreira e Holanda (2010)	2	Universidade Federal do Paraná	Brasil	Psico USF
Oliveira (2018)	1	Universidade Federal do Piauí	Brasil	Revista Natureza Humana
Puente (2008)	1	Universidade Federal de Minas Gerais	Brasil	Editora UFMG
Santos (2016)		Universidade Estadual de Feira de Santana	Brasil	Arquivos Brasileiros de Psicologia
Silva, Sougey e Silva (2015)	3	Universidade Federal de Pernambuco	Brasil	Revista Bioética

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Na **Tabela 2**, foram dispostos os artigos de acordo com o ano de publicação, margeando o provável impacto da temática de acordo com a época.

Tabela 2 - Disposição dos artigos utilizados por ano:



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

6. DISCUSSÃO

6.1 OS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO E O LUTO DO *HOMO AMANS*

O presente trabalho propôs-se a clarificar o termo *sobreviventes do suicídio*, compreendendo aspectos do seu sofrimento relacionados ao luto sob à luz da Logoterapia. A análise dos artigos nos demonstra que, envolto à estigmas sociais, o agravamento do luto silencioso provoca o sofrimento prolongado para aqueles que *sobrevivem* à ausências (KREUZ e ANTONIASSE, 2020; DANTAS, 2022; SILVA, SOUGEY, SILVA, 2015).

Demarcado, ainda, por crenças religiosas que condenam aquele que tira a própria vida (OLIVEIRA 2018; PUENTE 2018), o ato de morrer por suicídio, portanto, desencadeia uma série de ações e sentimentos que trazem uma nova orientação para a vida dos *sobreviventes*. Um luto muito divulgado nas mídias sociais, contudo oculto pelo isolamento dos que sofrem com ele.

Se o sentido para Frankl (1991) pode ser definido como o símbolo que alguém único e irrepetível dá para algo ou alguém, podemos dimensionar o encontro com o outro, experienciado no *homo amans* (CÔRREA, 2012) independente do grau de parentesco ou nível de relacionamento. A codificação independe dos padrões sociais, mas, se baseia nas emoções subjetivas, nas relações (DANTAS et al, 2022).

O encontro do algo ou alguém, ou seja, o sentido criativo da vida (MOREIRA, HOLANDA, 2010; LEONCIO, 2021), ressignifica a conexão com o mundo. Conexão que exterioriza o interno para o alcance de outra vida, entrelaçando as expectativas humanas utópicas da presença física inacabável ou pelo menos extensa, ao ponto de se tornar desejável o esquecimento da morte.

A nova configuração de vida é um fenômeno complexo do luto, que associado aos estigmas já mencionados, o isolamento e a impossibilidade de vivenciar os sentimentos do enlutamento, conforme a realidade dos *sobreviventes*, pode torná-lo prolongado e complicado (KREUZ e ANTONIASSE, 2020).

Assemelha-se a necessidade do sentido perdido, descrito por Frankl (1991) como o luto por um homem que amamos e perdemos (CÔRREA, 2012), podendo ser assim, o objeto do amor perdido, o próprio sentido da vida. Desta maneira, interroga-se as ferramentas de reconstrução do outro, o algo que fá-lo de algum modo sobreviver (CÔRREA, 2012), ainda que de maneira imaterial, remontando sobretudo, aquele que sobrevive.

6.2 O DESENVOLVIMENTO DO HOMO PATIENS

De acordo com a análise realizada em Frankl (1991), a *tríade trágica* é comum a todos os homens trazendo as inevitáveis culpa, sofrimento e morte, que encontrará a todos que ousaram viver a experiência do *homo amans* (*sentido do amor*), inevitavelmente nos encaminhando ao *homo patiens* (*sentido do sofrimento*) e seus valores atitudinais. Os *sobreviventes do suicídio* esbarram-se nessa realidade que escancara a ausência, não sendo esta aquela já esperada e incansavelmente negada, mas sim a ausência daquele que escolhe ser ausente (MOREIRA, HOLANDA, 2010).

A consciência do estar só, ainda que cercado dos demais, traz a conceituação do doloroso palpável da realidade, visto que o pesar que sobra sobre os ombros de quem já não pode tolerar a experiência da vida e decide partir, descansa agora à quem *sobrevive*, muitas vezes com o significado distorcido da responsabilidade, comprometida com as conjecturas da necessidade de encontrar culpados para a morte, culpando a si mesmo (FUKUMITSU, 2019; DANTAS et al, 2022) e mesmo negando a si a responsabilidade com a vida.

De acordo com a teoria de Frankl (1991), a percepção da responsabilidade com a própria vida inicia a busca de sentido, no ato do *autodistanciamento*. O distanciar-se de si, também se refere, ao comando de mover-se em direção à nova configuração de sentido, diante da necessidade ou vontade deste (MOREIRA, HOLANDA, 2010), uma vez que o objeto da afeição que o fazia *autotranscender* à si mesmo, não é mais encontrado de forma material.

Geralmente, damos muita atenção à ideia de transitoriedade, como o vasto campo da plantação após a colheita, e subestimamos nossa história, esquecendo-nos dos “fartos celeiros” que constituem o passado. Neste, nada está irremediavelmente perdido. Pelo contrário, no passado, tudo está inalteravelmente preservado e salvo. Absolutamente, nada e ninguém pode privar-nos do que entregamos à segurança do passado. O que

fizemos não pode ser desfeito. E isso pesa no que diz respeito à responsabilidade humana, porque, em face do caráter transitório da vida, o ser humano é responsável por fazer uso das oportunidades que aparecem para atualizar suas potencialidades e realizar seus valores, sejam estes de criação, de experiência ou de atitude. Em outras palavras, o homem é responsável pelo que fizer, por quem amar e por como sofrer (FRANKL, 2014, p. 95).

O autor da Logoterapia cita ainda o aprofundamento do *noético* em uma concepção que compõe a ontologia dimensional do ser, que parte de um recanto de cada ser humano, nunca adoecido, a espiritualidade (NETO, 2013; SOUZA, GOMES, 2012), nem mesmo sob as circunstâncias que configuram os *sobreviventes*.

Definida como uma espiritualidade estável, intencional, sempre presente, fonte de encorajamento para as responsabilidades, mesmo diante dos enfrentamentos inevitáveis da *triade trágica* (NETO, 2013). Neste caso, a conexão com o algo maior é objetivada, sendo essa ponte, culturalmente realizada com as divindades, onde o *sobrevivente* depara-se com a necessidade de amparo vindo da mesma fonte da condenação: a religião, que define os pecados como o pecado do suicídio, talvez assim justificando a complexidade deste luto (FRANKL, 2014).

6.3 O NOVO SENTIDO

Conforme observado, a ausência gera a necessidade de criar e recriar o ser, o impacto da falta cria uma atmosfera de sofrimento onde se torna inevitável a busca de um novo lugar de ser, como um ser que se move numa busca para além de si mesmo (FRANKL, 2014, p.17-18). Ao distanciar-se de si, encontrar-se na responsabilidade de ser livre e ter vontades, inicia-se a busca do valor que constitui uma vida de sentidos e significados, tornando assim, possível a existência, ainda que, sempre marcada pela tristeza da perda.

A confecção do mesmo homem de antes, porém agora dotado de sentido conferido aos valores que dá e recebe do mundo e ao mundo, torna possível o manejo da dor e da culpa, e a possibilidade da vida e a realidade em sua unicidade (FRANKL, 2014, p.201). Este processo, como parte do pêndulo do luto, pode muitas vezes ser realizado de maneira natural, sem a intervenção de recursos específicos, durante a elaboração do processo, gerando readaptação (KREUZ, ANTONIASSI, 2020). Torna-se, ainda mais perceptível, o movimento natural do ser

humano em busca da autotranscendência, ainda que com os parâmetros limitados da busca de uma vivência mais suportável, em outras palavras, a vontade de sentido.

Contudo, em função dos aspectos complicadores desse luto em específico, pode-se surgir a necessidade do acompanhamento terapêutico. Desta maneira, a clínica logoterápica em razão de um *sobrevivente*, deverá visar auxiliá-lo em sua descoberta de sentido em meio ao sofrimento, inclusive do sentido de sofrer. Para Frankl (1991), o sofrimento torna-se uma maneira de brindar a vida com sabedoria, enquanto feito inevitável e modulador de tensão interior para revolução (CORRÊA, 2012).

A intenção da abordagem logoterápica é demonstrar uma maneira de manusear o apelo intenso da morte, somado ao sofrimento da experiência solitária e socialmente bizarra do luto por um suicida, em uma jornada de buscas do sentido do amor e da vida, invariavelmente, da morte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foi abordado o tema, do que denomina-se nesta pesquisa, *sobreviventes do suicídio*. Buscou-se elucidar o termo e os fatores relacionados ao luto destas pessoas, o estigma que envolve a morte por suicídio e a questão da dor mais profunda, pela perda de um ente querido. Trabalhou-se a temática dos *sobreviventes do suicídio* a luz da visão da Logoterapia. Correlacionou-se aspectos da vivência dos *sobreviventes do suicídio* com as máximas da abordagem psicológica de Viktor Frankl (1991).

Percorrendo o tema, foi observado, a questão da negligência que permeia a experiência do enlutamento dos *sobreviventes do suicídio*. Fica claro, por uma lado, a visão de senso comum, uma certa ignorância social, que envolve o fenômeno do suicídio em estigmas, criando um ambiente de exclusão e vergonha. Por outro lado, o silêncio profundo, acerca do tema do suicídio, contribui para complicações e prolongamentos em relação à dor da perda, que comprometem a vivência de quem perdeu um ente querido. O fato de não poder dizer da morte (por vergonha ou constrangimento) e dar aos enlutados o espaço para se vivenciar o luto, é um ponto chave que merece atenção. Sobretudo, observa-se a necessidade destas pessoas por respostas, que muitas vezes não foram deixadas e nunca serão, que desencadeia

tristezas profundas e descontentamentos, que invadem todas as áreas da vida dos *sobreviventes*.

Sob a perspectiva do luto por suicídio, evidencia-se a importância do sentido do *para que viver*, uma pergunta deixada sem resposta por quem parte, uma vez que escolheu partir. Já, a Logoterapia aprofunda nesse fenômeno: o sentido da vida, o *para que viver*. Através dos seus fundamentos, ela define a vontade de sentido do homem, reflete sobre as complicações pela ausência deste sentido e a importância de sua busca, atitude inerente à jornada do ser humano.

Desta maneira, o trabalho aqui desenvolvido, correlacionou, de maneira satisfatória, aspectos referentes a morte por suicídio, seus sobreviventes e sua relação com os fundamentos da abordagem de Frankl (1991). Entende-se, a Logoterapia, como uma abordagem pontual no manejo do luto com *os sobreviventes do suicídio*, assim como, para prevenção e cuidados com aspectos importantes em relação ao crescimento pessoal e os cuidados fundamentais com a saúde mental.

Contribuiu, também, de maneira acadêmica, para o crescimento das discentes e pesquisadoras. Firmou uma base teórica para trabalhos futuros e aplicação na prática da psicologia, ao longo da jornada profissional.

Por fim, sugere-se, para trabalhos futuros, o aprofundamento da temática para maior divulgação e aprofundamento social do tema, como forma de combate aos estigmas sociais relacionados ao suicídio. Assim como, de observações práticas na clínica logoterápica. Um trabalho voltado ao suporte às famílias que viveram e vivem esse fenômeno, prevenção e cuidados com a saúde mental, na atualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Boletim Epidemiológico 33. Secretaria de vigilância em saúde. **Ministério da Saúde**. v.5.2, set., 2021.

COOK, Franklin; et al. Responding to grief, trauma, and distress after a suicide: survivors of suicide loss task force: U.S. national guidelines. **TheActionAlliance.org**, Oklahoma, EUA, abril, 2015.

CORRÊA, D. C. Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 180-188, 2012.

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. (org.). **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DANTAS, E. S. O. Fukumitsu KO. Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. São Paulo, v. 26, n. 02, 2019.

DANTAS, E. S. O.; BREDEMEIER, J.; AMORIM, K. P. C. Sobreviventes enlutados por suicídio e as possibilidades para posvenção no contexto da saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**. v.30, 2022.

DOURADO, E. T. S., Figueirêdo, A. T. B., Farias, E. C. S., Cavalcante, T. G., Aquino, T. A. A., & Silva, J. P. Fundamentos antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial. In J. P. Damásio, J. P. Silva, & T. A. A. Aquino (Orgs.), Logoterapia e educação: fundamentos e prática. **Editora Paulus**. São Paulo, (pp. 13-52), 2010.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida. **Quadrante**. São Paulo, 2003.

FRANKL, V. E. Presença ignorada de Deus. **Vozes**. São Leopoldo: Sinoidal; Petrópolis, 2007.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. **Vozes**. Petrópolis, 2008.

FRANKL, V. E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia. **Paulus**. São Paulo, 2011.

FRANKL, V. E. Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas. **Vozes**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, E. Viktor. A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia. **Paulus Editora**, novembro. 3ª edição. 2014.

FRANKL, E. Viktor. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. **Editora Vozes**, janeiro, 1991.

FRANKL, E. Viktor. Psicoterapia e sentido da vida. **Editora Quadrante Editora**, outubro, 2019.

FRANKL, E. Viktor. Sobre o sentido da vida. **Editora Vozes**, janeiro, 2022.

KHAN, Shahid. Qualitative research method - phenomenology. **Asian Social Science**, Austrália v.10, n.21, 2014.

KREUZ, G.; ANTONIASSI, R. P. N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em Estudo [online]**. Maringá, v. 25, junho.2020.

LAVALL, E.; SUSIN, P.; REIF, K.; SANTOS, H.; SCHNEIDER, J.; BONI, F.; CAMATTA, M. Experiências vivenciadas por familiares sobreviventes ao

suicídio: abordagem de narrativas biográficas. Rio Grande do Sul, **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, 2022.

LEÔNICIO, Adrielle. Logoterapia e autotranscendência: cenários que permitem o protagonismo frente à própria existência. Belém, **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 13, n. 3, 2021.

LIMA, A. B., & Santa Rosa, D. O. O sentido de vida do familiar do paciente crítico. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 42(3), 547-553, 2008.

MOREIRA, N; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-usf**, 15(3), 345–356, 2010.

NOVAK, J. D., & Cañas, A. J. The theory underlying concept maps and how to construct and use them [Relatório Técnico]. **Pensacola**: IHMC CmapTools, 2006.

NETO, V. B. L. A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. Goiânia. **Rev. abordagem gestalt.**, v. 19, n. 2, p. 220-229, dez. 2013 .

OLIVEIRA, Luizir de. O suicídio: um problema (também) filosófico. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 83-97, jan./jul. 2018.

PITMAN, A. L.; STEVENSON, F.; OSBORN, D. P. J.; KING, M. B. The stigma associated with bereavement by suicide and other sudden deaths: A qualitative interview study. **Social Science & Medicine**, V. 198, 2018.

PUENTE, Fernando Rey. Os filósofos e o suicídio. Belo Horizonte, **Editores UFMG**, 1ª edição, 2008.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arq. bras. psicol.**, vol.68, n.2. pp. 128-142. ISSN 1809-5267, 2016

SILVA, T. de P. S. da; SOUGEY, E. B; SILVA, J. Estigma social no comportamento suicida: reflexões bioéticas. **Revista Bioética**, 23(2), 419–426, 2015.

SILVEIRA, D. R., & Mahfoud, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resi-liência. **Estudos de psicologia** (Campinas), 25(4), 568-576, 2008.

SOUZA, E. A; GOMES, E. S. A visão de homem em Frankl. **Revista logos e existência: Revista da Associação brasileira de Logoterapia e análise existencial**, Paraná, n.1, v.1, outubro, 2012.

Véras, A. S., & Rocha, N. M. D. Produção de artigos sobre Logoterapia no Brasil de 1983 a 2012. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 14(1), 355-374, 2014.